



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ARETHA FAUSTINO DE ARAÚJO

**JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO DA PAZ: Considerações sobre a violência e
protagonismo juvenil no Brasil**

JOÃO PESSOA

2023

ARETHA FAUSTINO DE ARAÚJO

JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO DA PAZ: Considerações sobre a violência e o protagonismo juvenil no Brasil.¹

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof^a Dr^a Marcos Alan S. V. Ferreira

JOÃO PESSOA

2023

¹ Essa pesquisa foi financiada pela bolsa do CNPq de iniciação científica (AF), do ano de 2020 a 2022. N^o PVE 11552-2020 e PVE 13694-2020.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663j Araújo, Aretha Faustino de.

Juventude e construção da paz: considerações sobre a violência e protagonismo juvenil no Brasil. / Aretha Faustino de Araújo. - João Pessoa, 2023.

33 f.

Orientação: Marcos Alan S. V. Ferreira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Violência na juventude. 2. Violência letal entre jovens. 3. Construção da paz. 4. Estudos para Paz. 5. .
I. Ferreira, Marcos Alan S. V. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327

ARETHA FAUSTINO DE ARAÚJO

JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO DA PAZ: CONSIDERAÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS E PROTAGONISMO JUVENIL NO BRASIL

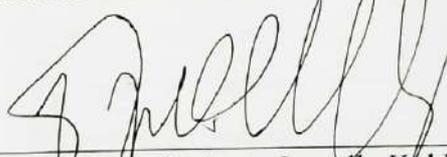
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel (a) em Relações Internacionais.

Aprovado(a) em, 05 de junho de 2023

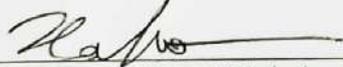
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira – (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Profa. Dra. Xaman Korai Pinheiro Minillo
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico à minha mãe, minha tia Lú e a minha prima Allana.

*“Eu tenho vinte e poucos anos
E não vou parar aqui.”*

Ninguém me ensinou. Lagum.

AGRADECIMENTOS

“Ah! não me sinto sozinho.

Tanta coisa doida que passou no meu caminho.

O medo de dar errado não me deixa mais anestesiado.

Ah! não me arrependo de nada

Hoje sei que nunca estive enganado (...)”

O verão passou, mas o Sol continua aqui. Selvagens à procura de lei.

Início esta querida parte do meu trabalho com a música “O verão passou, mas o Sol continua aqui” de Selvagens à procura de Lei. Agradeço primeiramente a Deus, pois graças ao seu amor e misericórdia, eu nunca estive sozinha durante os meus cinco anos de graduação. Agradeço à Ele pela senhora Genilda Faustino e o senhor Antônio Aldemir, que os chamo carinhosamente de “mainha” e “painho”. Estes senhores fizeram o possível e o impossível para que o meu processo de graduação fosse o mais confortável possível, bem... vocês conseguiram! Às minhas queridas irmãs, Amanda e Aurhea, às minhas Titis Lú e Nailda, Titios, Voinha e Allana que sempre estiveram comigo, apoiando e incentivando meus sonhos.

Às tantas coisas que passaram no meu caminho dedico aos meus amigos de Belo Jardim que escolheram ficar ao meu lado, mesmo que eu esteja a horas de distância. E aos amigos que fiz nesse caminho lindo, de todo o Brasil e se juntaram no propósito de estudar o que amam, falo de vocês colegas internacionalistas, e aos amigos que fiz pelos corredores da UFPB. Eu nunca vou esquecer o que vocês fizeram por mim e pelo projeto Chile.

Ao medo de dar errado, dedico ao senhor Marcos Alan que me acolheu como sua bolsista. Cheguei no GEPERI com uma insegurança enorme, mas muita vontade de conseguir conquistar mais. Obrigada pela oportunidade, obrigada por me direcionar às viagens mais incríveis da minha vida. Obrigada por sempre me incentivar a buscar o que é melhor para mim, seja no pessoal, acadêmico ou no mercado de trabalho. Seu apoio foi o primeiro passo para que eu não sentisse a anestesia do medo em relação a tudo que eu posso conquistar nesse mundo.

Eu não me arrependo de nada, pois as pessoas que conheci durante esse processo me acolheram com a forma mais pura de amor. Gratidão pelo que Deus me proporcionou até aqui com tanto carinho, ajuda e cuidado vindo dos meus amigos ou do corpo docente de Relações Internacionais. Apesar de tudo, vocês foram gigantes para minha formação e eu tenho um histórico de guardar professores com muito carinho, não pensem que se livraram de mim!

Hoje eu sei que nunca estive enganada! Desde meus 15 anos estudar RI era um sonho. Quem estava me educando neste período eram os professores da EREM de Belo Jardim, muito obrigada pelo cuidado, o ensino exemplar e o apoio entre os anos de 2015 e 2017. Agora é esperar o que o futuro reserva, graças ao apoio de vocês eu posso escolher o que eu quero a partir de agora, sei que sem essa grande turma, eu não teria chegado na metade do caminho, uma Aretha sozinha definitivamente não é uma Aretha.

JUVENTUDE E CONSTRUÇÃO DA PAZ: Considerações sobre a violência e o protagonismo juvenil no Brasil.

Aretha Faustino de Araújo

Marcos Alan S. V. Ferreira

RESUMO

O Brasil é um país que apresenta taxas preocupantes nos níveis de violência letal entre jovens de 15 a 29 anos. Segundo a Organização das Nações Unidas, tais dados podem representar impacto negativo não só no desenvolvimento do jovem, como também no país como um todo. Neste contexto, o artigo apresenta a visão dos jovens nos dois lados, os que sofrem a violência e os que estão trabalhando pela construção da paz no nível local. Para apresentar melhor onde a violência, a paz e a juventude estão inseridas neste cenário, os Estudos para Paz serão apresentados como literatura base. Tornando importante levantar uma literatura que é escassa no Brasil, neste caso, como os jovens se sentem neste meio violento. O artigo usa como método uma análise exploratória, dada a ainda emergente literatura sobre a temática. Tem-se o intuito de apresentar tanto a juventude como sua ação transformadora pela paz localmente para a transformação social. Finalmente, este trabalho tem como objetivo enfatizar como é impactante a violência letal juvenil e como os próprios jovens acabam sendo transformadores da paz nos mesmos cenários, com transformação de baixo para cima, ao nível local a fim de transformar seu meio.

PALAVRAS CHAVE: Juventude, Violência, Construção da paz e Brasil.

ABSTRACT

Brazil is a country that has worrying lethal rates among young people between 15 and 29 years. According to the United Nations, such data may have a negative impact not only on the development of young people, but also on the country as a whole. In this context, the article presents the views of young people on both sides, those who suffer violence and those who are working to build peace at the local level. To better present where violence, peace, and youth are inserted in this scenario, the Peace Studies will be presented as base literature. Making it important to raise a literature that is scarce in Brazil, in this case, how young people feel in this violent environment the article uses an exploratory analysis as a method taking into account the little literature on the subject, With the aim of presenting both youth and their transforming action for peace in a local action for social transformation. Finally, this article aims to how impactful youthful lethal violence is and how young people themselves end up being transformed from peace in the same scenarios, with transformation from the bottom up, at the local level in order to transform their environment.

KEYWORDS: Youth, Violence, Peacebuilding and Brazil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA.....	11
3. MARCO TEÓRICO: ESTUDOS PARA PAZ NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	12
4. ESTUDOS PARA PAZ NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL.....	14
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: JUVENTUDE, AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A SITUAÇÃO NO BRASIL.....	18
6. PAZ, PODER E VIOLÊNCIA PARA OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS	21
7. JOVENS PROTAGONISTAS NA VIRADA LOCAL.....	25
8. CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Apesar da área de Estudos para Paz estar em expansão no Brasil há três décadas (FERREIRA; MASCHIETTO; KUHLMANN. 2019), os estudos sobre as percepções dos jovens a respeito da violência e seu protagonismo na transformação da paz são escassos. Outros países da América Latina possuem essa base de dados mais atualizada e sistematizada, como é o caso de El Salvador e da Colômbia. São os objetivos deste trabalho trazer esse levantamento bibliográfico levando em consideração dados a respeito da violência durante a juventude, a visão dos jovens na sociedade e a transformação social - tendo como protagonista os próprios jovens.

O Brasil tem como taxa de homicídio mais alta a da população jovem, entender a violência que está em volta dessa realidade é importante. Mas no caso deste trabalho, explorar as percepções destes jovens se torna o debate central. A juventude apresenta riscos por ser uma fase da vida humana (já que existe uma maior vulnerabilidade em relação à violência e até à saúde). Mas não existem muitos trabalhos que tragam a voz de jovens e como eles se sentem nesse meio, tendo em vista que são as principais vítimas da violência. Também é importante apresentar a capacidade de agência e transformação de jovens em cenários de violência. Tornando um debate importante e relevante de jovens como construtores da paz.

A metodologia é apresentada como qualitativa, feita através de métodos de pesquisa exploratória. Inicia-se o trabalho com a revisão bibliográfica dos Estudos para Paz, seguindo com os conceitos de juventude, e por fim uma pesquisa sobre a atividade de jovens para a construção da paz. Em relação à pesquisa de campo, houve uma entrevista em escolas públicas de ensino médio da Paraíba, a fim de buscar dados sobre como os jovens se sentem na sociedade.

O debate teórico deste trabalho apresenta os Estudos para Paz. Portanto, a terceira parte apresenta as definições de Paz Positiva e Paz Negativa pela visão de Galtung (1968), além de apresentar também a violência direta, estrutural e cultural, além dos EPP como estudo no Brasil. Para além disso, outras abordagens no debate teórico do projeto são apresentadas, como a ineficiência do Estado na formulação de políticas públicas que garantam segurança à sociedade (GULLO, 1998) e também a importância da construção da paz e a virada local em seu processo de construção da paz.

As obras citadas anteriormente complementam o debate central da pesquisa por apresentar teorias que ajudam no entendimento do porquê apenas o Estado não é suficiente na transformação social. Além de demonstrar que a construção da paz ao nível local é importante

para a superação da violência. Finalmente, o trabalho consegue refletir que, apesar desse grupo populacional liderar as taxas de violência homicidas no país – tendo em 2019 estimado 64 mortes de jovens por dia totalizando 23.327 ao ano (IPEA, 2021. p. 27) –, os jovens são capazes de construir a paz desde que tenham algum suporte para isso.

A quinta parte do trabalho apresenta o conceito de juventude e seus desdobramentos. Esse debate é importante para apresentar como a confusão do tema vai além do conceito e se estende na atuação do jovem na sociedade. Autores como Berents e Mollica (2020) apresentam as diferenças na forma como os jovens são vistos na sociedade, a questão das classes e sua inserção social. A situação dos jovens no Brasil também é abordada na quinta parte do trabalho, considerando a violência e as taxas de homicídios elevadas que o país apresenta, tendo como base obras como o “Atlas da Violência” de 2021, e o “Relatório da Estação Juventude” (2014).

Logo em seguida, a sexta parte traz os jovens de ensino médio que sofrem a violência e os que não recebem intervenção do estado, mas que passam pelo processo de introduzir a paz localmente através de projetos encabeçados por eles ou moradores da área onde moram. A sétima parte traz quatro iniciativas de mudança local espalhadas pelo Brasil, esses projetos são destinados para a atuação de outros jovens dentro da sociedade civil e para a transformação social da região em que habitam. O oitavo tópico é a conclusão do trabalho, que traz os resultados obtidos durante os anos de pesquisa.

2. METODOLOGIA

Para a construção dessa pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa de análise feita a partir de pesquisa exploratória e de campo, na busca de preencher lacunas e acrescentar ideias em literaturas já abordadas sobre o tema. Foram utilizados textos, obras e livros que abordassem os Estudos Para Paz, a virada local, Construção da Paz, juventude e seus conceitos, violência na juventude e a ação de jovens nos cenários de violência.

Quanto aos grupos focais, estes foram conduzidos pouco antes da eclosão da pandemia de COVID-19. Usamos como base nove instituições públicas, abordando 153 alunos do ensino médio público de três cidades do estado da Paraíba (MASCHIETTO; FERREIRA; CORTINHAS. 2022). Uma atividade escrita foi realizada com os jovens a partir dos 16 anos, que durou em torno de uma hora para a finalização entre debates e discussões. A parte do debate foi gravada em áudio para, posteriormente, ser utilizada para transcrição e utilização no desenvolvimento da pesquisa, finalizado a parte de exposição de pensamentos.

Dentro da atividade em sala as perguntas foram divididas em seções sobre a violência, a paz e o poder, e a primeira atividade foi escrever qual a primeira palavra que lhes ocorre ao

ouvir esses termos. Logo após, os jovens puderam relatar experiências pessoais ou de outras pessoas a respeito dos três conceitos anteriores, com essas informações os pesquisadores foram responsáveis pela análise do material recolhido, a transcrição, o desenvolvimento dentro da pesquisa e os resultados. Também foi sugerido que fosse priorizado as turmas de segundo ano das escolas, para que as idades dos jovens entrevistados estivessem acima dos dezesseis anos. Parte importante desta pesquisa foi publicada recentemente (MASCHIETTO *et.al.*, 2022), sendo este artigo uma continuidade deste processo de pesquisa, que alia as percepções dos jovens às reflexões de construções locais de paz por parte de jovens brasileiros em diferentes contextos. Para construir estas reflexões, utilizou-se recortes de jornais virtuais para explorar a ação da juventude na promoção da paz. Essa forma de pesquisa serviu para expandir além da região nordeste a busca por atores engajados na construção da paz.

É importante também que o leitor compreenda que apesar do debate teórico sobre Estudos de Paz e os conceitos de violência e juventude participarem da maior parte dessa pesquisa, o foco principal é a atuação da juventude e como os jovens podem ser agentes transformadores da paz na sociedade. Apresentando uma literatura capaz de compor os estudos sobre os jovens brasileiros que atuam de forma criativa e variada na Construção da Paz.

3. MARCO TEÓRICO: ESTUDOS PARA PAZ NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.

A Primeira e a Segunda Grande Guerra promoveram profundas mudanças no cenário internacional, figurando entre elas, a emergência da Guerra Fria, a divisão de influências entre potências emergentes e a corrida nuclear. Emerge dali a necessidade de explicar o novo cenário global e pensar como a paz poderia ser construída para evitar os milhões de mortes vistos nas décadas anteriores (FERREIRA, 2019).

Para Ramsbotham, Miall e Woodhouse (2011), essas mudanças fizeram com que os estudiosos buscassem entender o tipo de conflito que surgia estudando não somente a violência que há no Estado como entidade internacional, como a que surgia dentro dele, ao nível doméstico. Essa revolução na academia foi desenvolvida por diversos pesquisadores pioneiros nos Estudos Para Paz (EPP), um deles foi o Johan Galtung, que trouxe luz para a possibilidade da transformação de conflitos de forma menos traumática (FERREIRA, 2017, p.32). Soma-se a ele, nomes importantes como Elise Boulding, Kenneth Boulding, Peter Wallensteen e Anatol Rapoport.

Em seus trabalhos, Galtung (1969, p. 168) afirma que a paz pode ser considerada a ausência da violência. Por sua vez, Galtung discorre que existem outros níveis mais amplos nos

quais a violência deve ser analisada, sendo o conflito um deles (GALTUNG *apud* FERREIRA, 2017 p.35). Essa violência deve ser tratada como ameaça na construção da paz na atualidade, e é muito vista ou percebida no subcontinente da América Latina, com altos níveis de homicídios e problemas estruturais que se refletem em diferentes manifestações de violência (KUTEMBACH, 2019).

A dificuldade de transformar esses tipos de violências pode-se dar ao fato de que os governos não entendem como e nem por onde começar, e terminam apresentando políticas públicas que embora estejam atuando, não chegam à raiz do problema devido à ineficiência administrativa e burocrática (HOBSBAWN *apud* GULLO, 1998, p 107). Para Johan Galtung (1969), há três tipos de violência, a direta, a estrutural e a cultural, que por sua vez são obstáculos para a paz positiva. A primeira seria a presença da violência direta, como guerras armadas, operações paramilitares, guerras de gangues e também na forma verbal. Já a segunda é a ausência da violência direta - aqui o problema é apresentado na desigualdade, discriminação, exploração e até mesmo na negação de direitos básicos às pessoas, ou seja, injustiça social. A violência cultural estaria relacionada às questões culturais, como a ideologia, religião, costumes, a arte e linguagem.

Essas duas últimas violências estão presentes na sociedade, mas não são percebidas da forma que deveriam ser. Estão invisíveis no meio social agindo de forma sutil, mas possuem o poder de impulsionar a violência em muitos níveis, até se tornar a violência direta. Por isso, Galtung (1996) separa a ideia de paz negativa e da paz positiva. A primeira seria a violência estrutural, partindo da ideia da ausência do conflito armado - violência direta -, mas ainda assim estariam presentes as diversas violências na forma da repressão, a desigualdade e a privação de direitos fundamentais como saúde e educação (GALTUNG, 1969). Pode também ser citado o encerramento de um conflito armado em certo local, onde as pessoas apesar de não estarem mais em guerra declarada estão em situação de vulnerabilidade com suas casas e cidades destruídas, sem nenhuma possibilidade de estabilidade ou um governo para cuidá-las. Este seria um dos exemplos de paz negativa (GALTUNG *apud* FERREIRA, 2017, p.34).

A paz positiva, por outro lado, seria a superação ou redução da violência estrutural e cultural (RAMSBOTHAM; MIALI; WOODHOUSE, 2011, P.11). Com essa violência reduzida significativamente, um conjunto de iniciativas são conduzidas para a redução da desigualdade. Alguns deles, na visão de Galtung, seriam o aumento na qualidade de vida, liberdade, crescimento pessoal, igualdade econômica e social. Assim, a ausência da violência estrutural resultaria no aumento da justiça social (GALTUNG *apud* FERREIRA, 2017 p. 34).

A dificuldade no entendimento da diferença entre paz positiva e paz negativa pode ser atribuída à paz liberal, também conhecida como paz ortodoxa. De acordo com Mac Ginty e Richmond (2013), a paz ortodoxa falha quando apresenta a teoria da paz democrática, ou seja, que democracias são menos suscetíveis a entrar em guerras, e a ideia do livre comércio, direito internacional e liberdades individuais como centrais para construção de paz. Os Estudos de Paz compreendem que apesar de democracias estabelecidas e comércios estáveis, algumas regiões, como a América Latina, acabam por não ter uma paz contínua, ou seja, não existe a guerra ao nível internacional. Porém, existem números de assassinatos e violência direta em geral tão preocupantes quanto uma guerra que estaria em andamento (RETTBERG, 2020). Para entender melhor sobre os Estudos Para Paz e a explicação do fenômeno da paz negativa na América Latina, sobretudo no Brasil, é importante destrinchar a história do subcontinente, assim como sua formação social, para explicar porque há um cenário violento atualmente.

4. ESTUDOS PARA PAZ NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL.

Os Estudos Para Paz surgem como debate nos anos 50, no período Pós-Guerra (FERREIRA, MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019.). Com a mudança no *status-quo* do Sistema Internacional e o período da ausência de guerra entre potências sistêmicas, os estragos deixados pelos conflitos eram notórios. Porém, não havia guerra direta para justificar a insegurança ou violência, além dos países mais afetados estarem distantes de um momento de paz. Então essa sensação de insegurança abre espaço para que os Estudos de Paz ganhem luz nas Relações Internacionais como campo de estudo das ciências sociais (FERREIRA, MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019.)

Os Estudos Para a Paz ganharam força no Brasil a partir da década de 70, com a popularização do curso de Relações Internacionais no país. Apesar de na época ser uma área com poucos trabalhos e pesquisas acadêmicas, hoje a área está crescendo, tendo em vista que os estudantes estão se interessando pelos conceitos e debates dos EPP (FERREIRA, MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019). Um bom indicador é a consolidação do Encontro Brasileiro de Estudos para a Paz, que caminha para sua quinta edição no ano de 2023. De acordo com Oliveira (2017), “Os estudos da paz constituem a área de pesquisa acadêmica que incorpora o compromisso mais claro e explícito com a não-violência e a organização pacífica das relações sociais nos níveis local, nacional, regional e internacional”. Existe também uma diversidade de tópicos que podem ser inseridos na agenda dos EPP, ele cita:

As causas da guerra; o problema das armas nucleares, do desarmamento e do controle de armas; as técnicas de resolução de conflitos; as operações de paz; a desmobilização, reconciliação e reconstrução pós-bélica; as migrações e os deslocamentos internos; a resistência não-violenta; as variadas formas de violência estrutural e cultural; a educação para a paz; as condições para uma paz positiva (redução das desigualdades econômicas, promoção da justiça social, redução da exploração e da opressão). (OLIVEIRA, 2017. p. 149).

Antes de adentrar na história dos EPP no Brasil, é importante entender o contexto histórico da América Latina frente a esta vertente. De acordo com Ferreira (2019), o processo de colonização dos países latinos foi violento. As formas de escravidão, a tentativa de catequização dos nativos latinos e a exploração resultou numa destruição em massa da história e da formação do latino-americana (FERREIRA, 2019). Durante o século XIX, os países presenciaram as principais revoluções entre as colônias e estados, revoluções essas que moldaram até hoje a geografia do subcontinente, como a Guerra da Cisplatina (1825-1828), a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a Guerra do Pacífico (1879-1883) (FERREIRA, 2019).

Não obstante, durante o século XX, os países latinos presenciaram a popularidade da extrema direita no subcontinente, com ditaduras estabelecidas por vários Estados, como Argentina, Uruguai, Peru, Guatemala, República Dominicana, Chile, Nicarágua, Bolívia, Chile e o Brasil (SILVA; QUADRAT. 2021). Entre os anos de 1954 e 1990, contexto de Pós-Guerra e Guerra Fria, a democracia é abafada, os direitos humanos eram feridos, pessoas eram perseguidas e torturadas até a morte e os Estados possuíam controle brando frente a maioria das instituições em sua jurisdição (SILVA; QUADRAT. 2021). Este contexto em específico, moldou e molda até hoje a ação violenta da polícia e do exército na sua forma de atuação.

Apesar desse contexto, a América Latina é vista como uma região internacionalmente pacífica. Os conflitos internacionais que ocorreram na região não foram perpetuados, e os números no século XX e XIX não foram altos, totalizando apenas três (FERREIRA, 2019). Esses números, principalmente no século das Grandes Guerras Mundiais e os conflitos da virada do século, apresentam a sensação de que a América Latina está situada em uma zona de paz (FERREIRA, 2022). Sendo assim, o Brasil por estar localizado ao sul do subcontinente, também é visto internacionalmente como país pacífico.

Essa visão externa não é à toa, durante o processo de globalização os países latinos tiveram grande parcela nas operações de paz (FERREIRA, 2019). De acordo com Nasser (2012), o Brasil sempre apresentou uma visão diplomática amistosa, evitando conflitos diretos com outros países. A estratégia diplomática do Brasil era voltada à projeção de poder e

solidariedade, garantindo uma abertura para as operações de paz da Organização das Nações Unidas (NASSER, 2012. p. 217). O Brasil atuou no terremoto do Haiti em 2010 e em 2004 e na operação de paz no Timor-Leste, enviando soldados das forças armadas do país para servir nas missões no exterior (NASSER, 2012. p. 215). Além dessas operações, o exército Brasileiro participou de missões de paz realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Angola, no Líbano e em Moçambique (FERREIRA, 2020).

A missão das Operações de Paz no exterior, apesar de serem importantes, estão longe de determinar o Brasil como um país pacífico. Os Estudos Para Paz só voltam a ganhar força no país na década de 90, o período doméstico pós-ditadura militar (FERREIRA, MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019. p. 14), podendo notar-se um vácuo de 20 anos entre os primeiros anos de estudos dos EPPs, e o início do campo de estudos no Brasil. A partir da difusão do curso no nível superior, os EPP começam a aparecer além dos estudos das ciências sociais, adentrando nas áreas governamentais, relacionadas à justiça e os Institutos de Pesquisas voltados à temática.

Mesmo com a quantidade de pesquisadores (até na América Latina), houve um problema inicial na difusão do campo. Inicialmente, existia a dificuldade das principais obras dos EPP vindas dos Estados Unidos e Europa, onde os estudos já estavam consolidados, estarem em outros idiomas, o que dificultava para os que não possuíam o conhecimento em mais de uma língua, ou mesmo nas línguas as quais as obras eram escritas (FERREIRA, MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019).

Ademais, a ideia do país ser visto como situado em uma região pacífica, não coaduna com sua realidade social. Os níveis de criminalidade e de violência direta são superiores aos de países em zonas de conflito armado internacional, é o caso daqueles no Oriente Médio (FERREIRA, 2018), quando se considera o número de mortes violentas. De acordo com Nóbrega Jr. (2020), o Brasil apresenta uma das maiores taxas de crime violento do mundo, variando de 10% a 14% das mortes mundiais, e na América latina, com 40% do número absoluto de homicídios. O Atlas da Violência traz ainda, que as principais causas de influência no número de mortes violentas no Brasil são: o aumento da guerra de gangues e fácil acesso a armas de fogo, importantes indicativos nos níveis de violência classificados pela UNODC (IPEA, 2021).

Estes conflitos sociais estão inseridos na sociedade latino-americana há décadas, afetando o progresso da comunidade nos países em desenvolvimento e sua busca pela estabilidade e segurança. A paz nessa região é configurada como paz negativa, já que os números apresentam incidência alta de crimes e de variados tipos de violência na região

(IMBUSCH; MISSE; CARRIÓN, 2011, p. 88). Como citado anteriormente, apesar da transição democrática do país, com instituições voltadas para a participação popular, os níveis de criminalidade cresceram absurdamente (IMBUSCH; MISSE; CARRIÓN, 2011), por isso a virada local e o processo de emancipação da paz explicam o porquê o conceito de paz liberal se apresenta inadequado.

A necessidade da virada local surge a partir da necessidade de conseguir explicar o que acontece dentro dos estados e buscar soluções mais acessíveis em busca da paz, ao invés de importá-las em um modelo fechado como é o da paz liberal. MacGinty e Richmond definem o local como:

A gama de agências locais presentes em um conflito e no pós conflito no ambiente, alguns dos quais visam identificar e criar os processos necessários para a paz, talvez com ou sem ajuda internacional, e enquadrados de uma forma que converta a legitimidade em termos locais e internacionais. (MACGINTY & RICHMOND, 2015 p.768). Tradução minha.

Trazer essa visão no presente artigo, sobre a construção da paz de baixo para cima é fundamental para introduzir a possibilidade de ação de jovens transformadores em uma sociedade violenta. Na América Latina, a violência cobra em maior parte a vida dos jovens, além de ser o lugar onde ao contrário do resto do mundo, as taxas relacionadas a violência, desde os anos 90, têm tido aumentos significativos (RETTBERG, 2020). Além disso, as organizações criminosas, presentes na América Latina, são responsáveis por afastar o jovem da atuação do Estado e das instituições que deveriam ajudar a tornar a sociedade um lugar mais acolhedor para os jovens (FERREIRA; RICHMOND, 2021).

Esse afastamento se dá pela dinâmica de governança criminal, onde algumas ações do Estado podem fortalecer a forma de atuação de um grupo criminoso, como por exemplo, a falta de assistência em regiões ou bairros mais pobres (FERREIRA; RICHMOND, 2021). De acordo com Ferreira e Richmond (2021), essa negligência pode fazer com que essas regiões tenham como consequência a perpetuação da violência ao nível estrutural e cultural no cotidiano dos cidadãos.

Por fim, é importante que a teoria e os conceitos dos Estudos para Paz sejam aplicados para que se entenda como uma sociedade violenta está tão prejudicada quanto uma que está em períodos de guerra. A desigualdade, também é um dos fatores estruturais que podem impulsionar a violência, mas aqui também serão apresentados jovens em contextos sociais dos

mais variados que contribuem para uma sociedade violenta, os jovens que sofrem a violência e outros para uma sociedade pacífica (RETTBERG, 2020).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: JUVENTUDE, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A SITUAÇÃO NO BRASIL.

Para abordar a posição da juventude no cenário brasileiro, é importante entender seus conceitos e como estão inseridos nacionalmente em um cenário violento. A juventude é uma fase da vida que pode ser considerada uma fase complicada em termos de segurança (CARA GAUTO, 2007). Com isso em mente, nesta divisão do artigo, serão abordadas algumas dessas percepções da juventude e como elas podem se diferenciar no cenário nacional e no internacional.

Órgãos como a Organização das Nações Unidas, a UNESCO e os próprios países ou culturas conseguem diferenciar essas fases da vida, mas a questão da juventude e o seu papel diante a sociedade ainda é um ponto em disputa. Principalmente quando se discute em relação à quando se inicia essa fase na vida do ser humano e sua atuação em meio à família, o mercado de trabalho e às outras fases da vida. A palavra “juventude” tem variadas tentativas de explicação sobre seu conceito. De acordo com Freitas, Abramo e León (2005), o conceito pode ser relacionado por diversos pontos de partida, como período da vida, faixa etária, contingente populacional, categoria social ou uma geração. Também mencionam que de todo modo, essas definições estão ligadas a uma fase do ciclo da vida que está entre a infância e a maturidade (FREITAS; ABRAMO; E LEÓN, 2005, p. 6). Outra definição importante que cabe ser mencionada aqui é a de Özderm e Podder (2015, p. 3), que além de reafirmar o significado anterior atribuem também outros dois, os quais apresentam a definição de juventude em constante mudança, além de trazerem uma visão social utilizando a citação de dois autores:

Em essência, 'juventude' é um período de progressivo amadurecimento para assumir a responsabilidade pelos processos econômicos, pessoais, institucionais, políticos e sociais e pela gestão das relações interpessoais por meio de uma navegação cuidadosa da dinâmica social (UN World Youth Report, 2003). As definições de juventude são, desse modo, relativas à construção da identidade jovem como uma posição social que está ligada aos padrões em evolução de direitos e status social (ISMAIL et.al. APUD ÖZDERN E PODDER. 2005). tradução minha.

Essa pluralidade na tentativa de explicação demonstra como a juventude tende a desencaixar tanto nos conceitos quanto na sociedade. A juventude também pode ser vista como uma etapa problemática na vida de um ser humano, já que nessa fase os jovens podem estar mais suscetíveis a serem vítimas de problemas sociais, como problemas da área de saúde ou

segurança pública que afetam, de certa forma, a segurança nacional (CARA; GAUTO, 2007, p.171-172).

Para reforçar o conceito da juventude nas Relações Internacionais, é importante também apresentar a visão do relatório da juventude do ano de 2015. Os autores do documento publicado pela ONU “Relatório Mundial da Juventude” de 2005, descreve essa fase como “um período importante de amadurecimento físico, mental e social, onde os jovens estão ativamente formando identidades e determinando papéis aceitáveis para si mesmos em sua comunidade e na sociedade como um todo”. Esse período se torna uma fase de decisões para essas pessoas, e o meio em que elas estão inseridas dizem muito também a respeito do que eles irão se tornar futuramente (ONU, 2022).

A ONU também se posiciona quando o assunto é relacionado à violência na juventude, conforme o documento chamado “Youth 2030, Working With And For Young People”. Diz-se ali que estamos passando pela época com mais jovens já vista, e pelo menos 90% desses jovens se encontram em países de desenvolvimento (YOUTH 2030, [ONU]). Ao mesmo tempo que esses jovens podem ser responsáveis pela mudança e pelo progresso social, os mesmos podem viver em situações de violência, risco e de perigo em suas vidas, situações estas que se mostram mais presentes quando tentam lutar pelos seus direitos na sociedade (ONU).

Assim como os autores citados anteriormente, para Berents e Mollica (2020), a juventude não é fácil de ser vivida em nenhum lugar do mundo, pois enfrentam desafios que dizem respeito a empregos, educação, habitação, participação, identidade, integração social e política. Além disso, para jovens de países em desenvolvimento, como no Brasil, o surgimento de políticas de educação, saúde e segurança dos últimos anos têm sido positivos para o convívio social, mas, ao mesmo tempo que essas políticas são direcionadas para os jovens, não existe a garantia de um trabalho seguro e de acesso ao poder nessa faixa etária (SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2014).

De acordo com Novaes (2007), a questão da desigualdade também é um dos principais fatores que aprofunda a diferença dos jovens, pois o local onde o jovem mora pode restringir o acesso à educação, lazer, oportunidade de trabalho e pode distanciá-lo da atuação do poder público, principalmente os que estão concentrados nas favelas. Além disso, para Rettberg (2020), a violência torna os jovens os principais perpetuadores da violência homicida e os que mais são afetados por ela, isso acaba criando um paradoxo que a faixa etária mais afetada é a mesma que cometem os crimes mais violentos na sociedade.

No Brasil, existem algumas revistas que abordam a situação do país em relação à violência. O Atlas da Juventude, o Juvipol, Atlas da Violência são alguns dos informes a

respeito das taxas de violência e situação dos jovens. O Atlas da Violência, por exemplo, apresenta que a juventude (dos 15 aos 29 anos) é a faixa etária que mais sofre violência homicida no país (IPEA, 2021). Outro ponto que o Atlas de 2021 traz é que entre 2009 a 2021 foram registradas a morte de 333.330 jovens por violência letal, o mesmo documento traz também que as principais causas dos homicídios no país estão relacionadas principalmente às questões de demografia, às guerras entre gangues e ao acesso a armas de fogo (Atlas da Violência [IPEA] 2021). Quando os dados sobre homicídios são separados entre determinantes de raça, para jovens negros o indicativo é ainda maior, onde a taxa por 100 mil habitantes, é de 79,4 (ENGEL et al, 2015).

Ainda sobre a desigualdade e diferença de ações dos jovens em meio à violência, para Berents e Mollica (2020), um conjunto de indicadores pode tornar a infância e a juventude fases diferentes. São estes fatores biológicos, culturais e sociais, mas o que torna a juventude uma fase com características diferentes? Os jovens, podem ser vistos como heróis, ou como vilões na sociedade (BERENTS; MOLLICA, 2020), a diferença se dá majoritariamente na classe social e nas vivências onde esse jovem está inserido, o colégio que frequenta, suas opções de lazeres, onde mora, qual é sua religião, tudo o que foi citado anteriormente.

Neste tocante a sociedade se apresenta para julgar a juventude, separando-a como o futuro ou a perdição da sociedade. Conseguem passear por dois extremos, o que “infantiliza” esses jovens, e o que “demoniza” a mocidade (BERENTS; MOLLICA, 2020). No caso do Brasil, os jovens infantilizados pertencem a locais saudáveis de serem frequentados, escolas particulares, aparência padrão (pele branca, sem deficiência, boa aparência, performando os gêneros atribuídos ao nascer), vistos como vulneráveis que precisam de proteção para se tornar o futuro do país. Por outro lado, tem-se o jovem demonizado, visto como ameaça, que frequenta escolas públicas, e suas atividades de lazer está concentrada na periferia, que não possui apoio do estado que lhe provenha segurança e saúde de qualidade, entrando em um estereótipo de raiva, drogado e violento, tendo 15 anos, ou mesmo 29. (BERENTS; MOLLICA, 2020).

Outro ponto que deve ser levantado são as informações que estes jovens recebem em momentos de lazer, como, por exemplo, assistindo à televisão. De acordo com Alana Volpato (2017), existe uma busca pelo sensacionalismo na mídia brasileira que busca dar informações que tendem a ter mais violência ou comoção para os telespectadores. (CARVALHO *apud* VOLPATO, 2017). Além disso, a ideia de um lugar cheio de violências faz que haja o fatalismo da realidade, onde ações coletivas, individuais ou sociais não serão capazes de salvar a sociedade da ameaça da violência (SALINAS *apud* VOLPATO, 2017).

O público LGBTQIA+ também sofre violência que se enquadra na juventude, mas existe um problema no ato de notificar os casos. A primeira informação importante em relação às violências cometidas a esse grupo da sociedade são que os dados são imprecisos. Segundo o Atlas da Violência do ano de 2019, durante o registro do boletim de ocorrência não existia a opção de classificação da vítima segundo a sua orientação sexual ou identidade de gênero (IPEA, 2019). Então, situações de agressão, violência e óbitos estavam sujeitas à invisibilidade, e como veremos mais adiante é prejudicial para formular uma política pública já que há a ausência de dados, tanto em relação a quantos LGBTQI + existem no Brasil, quanto a quantidade que já sofreu ou sofre algum tipo de violência (IPEA, 2019).

Por fim, com base nos exemplos citados anteriormente, onde há a discussão sobre a juventude como conceito, a visão de órgãos internacionais sobre a faixa etária e a situação dos jovens no Brasil. É importante que o Estado se faça presente de alguma forma para prover de políticas públicas que não afastem de uns a oportunidade que outros jovens têm. Por exemplo, acesso à saúde, educação, segurança, informação, garantia de ingresso no mercado de trabalho seguro e muitos outros caminhos para melhorar de vida.

6. PAZ, PODER E VIOLÊNCIA PARA OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS.

Após trabalhado o campo de Estudos para Paz no meio internacional e no Brasil, a juventude e seus conceitos além da relação com a violência, nesta e na próxima seção serão abordadas as percepções e a agência da juventude frente a um cenário violento que enfrentam na sociedade brasileira. Para essa seção, foram feitas pesquisas com um grupo específico, visando apresentar uma pequena amostra da visão dos jovens sobre paz e violência.

A pesquisa foi conduzida entre os meses de fevereiro e março de 2020 em quatro escolas da capital paraibana em bairros variados. Participaram 153 alunos, sendo 74 meninos e 79 meninas de nove instituições de ensino público diferentes (MASCHIETTO et.al. 2021). A análise foi feita na ordem das perguntas efetuadas durante a atividade, começando com “Qual a definição de paz?”. Talvez pelo contexto religioso e pela paz estar relacionada a algo divino, a maioria dos jovens respondeu que era algo ligado ao espiritual, a calma, o respeito, o amor a união e outros sentimentos referentes a calmaria. Também houvera respostas a respeito de um mundo sem guerra. Porém, duas respostas merecem destaque por tocarem em partes relevantes à esta pesquisa, a primeira:

[...] Para viver em sociedade você tem que ter uma paz em conjunto com quem você gosta e com quem você não gosta, porque você não vai viver só com pessoas que você gosta, então você também precisa aprender a viver na paz com as pessoas que você não gosta. ²

E a segunda “Antes a guerra do que a paz construída em cima do sofrimento”, percebe-se que os jovens entendem que o termo paz vai além da percepção sentimental e chega até o nível estrutural. Como é possível que se construa a paz sem o respeito? Como pode uma sociedade crescer com violência de gênero, racial e desigualdade? Por que é preferível a guerra do que uma paz com sofrimento? Entender que a mudança vai além de colocar policiais nas ruas para garantir a segurança é o começo do processo da percepção da paz positiva atuante na sociedade. Os jovens entendem que falta algo, mas não conseguem identificar o que é por se tratar de um termo abstrato, sabem que não vivem em um mundo pacífico, e muito menos em um de constante violência direta. Nesse caso, há algo que não encaixa para paz contínua, e isso é a violência estrutural que tem como consequência a incerteza de um ambiente seguro.

Durante a discussão da temática “paz”, foram surgindo outros debates a respeito de se eles achavam que viviam em um ambiente pacífico ou de guerra no Brasil, e quais situações eles poderiam apresentar como exemplo de paz nas suas vidas e qual seria o oposto da paz. Para a primeira pergunta as respostas foram relacionadas à não existência de “guerra de matar” (guerra com violência direta), mas sim guerras internas políticas e religiosas além da desigualdade social e financeira. Na segunda questão, os 3 jovens em geral associaram o fato de ficar sozinhos, como o tipo de paz individual, sem nenhum tipo de perturbação, em que eles tenham uma certa privacidade para poder usufruir do sossego. Já a terceira, houveram muitas respostas com a palavra violência, o preconceito, o medo e o conflito também foram citados. Um dos jovens respondeu algo relacionado a falta de paz na própria liberdade de escolher seu futuro no meio profissional:

Tem gente que não sabe respeitar o estilo de alguém ou até mesmo algo que a pessoa queira até estudar. Às vezes a pessoa diz que quer estudar alguma coisa e alguém diz: ah, isso não tem futuro não, não sei o que, não sei o que, não dá dinheiro, não faz nada, mas a pessoa está escolhendo aquilo por amor, porque se identifica com aquilo, então é uma grande falta de respeito. ³

O segundo tema tratado com os jovens foi a questão da violência, notou-se que ali a discussão ficou um pouco mais consistente. Talvez isso se dê, infelizmente, pela maior

² Grupo Focal, (Aluno estudante do ensino médio, anônimo e participante), 2020.

³ Idem.

proximidade com a violência em comparação com a paz, e também como citado anteriormente, por se tratar de um termo abstrato. A primeira pergunta feita para eles foi “O que é a violência?”, no geral, os garotos falaram sobre os tipos de violência já citados no artigo, como a direta e a estrutural. Também abordam a questão do conservadorismo como forma de opressão para alguns grupos minoritários, além do bullying, que é muito comum nas escolas. O que surpreendeu nessa etapa da entrevista com o grupo foi o quão vulnerável eles se encontram na sociedade, com relatos de pessoais de violência que chegam a ser assustadores.

Ele percebeu que eu era gay, entendeu? Ele percebeu, né? E ele perguntou assim “olha viadinho, anda direito que aqui só tem lugar de macho, tem que ser macho”. Com isso, aquilo ali, eu fiquei constrangido e fiquei com medo, entendeu? Fiquei... de repente ele desapareceu, mas lá na frente eu pensei “meu deus, e se esse rapaz tá lá na frente e ele vai me machucar, vai tentar fazer alguma coisa comigo?”.⁴

Não obstante, os alunos trouxeram um caso de violência contra mulher na própria rotina, “Era muito tranquilo, mas de lá pra cá tá tendo muito assalto.”, “A gente tira pela aquela vez no ano passado que um rapaz parou, e ele colocou o órgão genital pra fora e começou a fazer coisas que...”, “Se masturbando na frente da menina”. A violência cultural, também apareceu nos relatos de um jovem que vê pré-julgamentos quando fala que sua religião é a Mórmon. Além dessas, a violência policial foi citada, assaltos, a criação advinda dos pais, com a criação na infância e a falta de proteção, para exemplificar, outro relato de um aluno será apresentado: “[...] Que eu já sofri já uma tentativa de sequestro e já sofri outros tipos de violência, tipo, já fui abusada sexualmente quando era mais nova, por um colega da minha sala, parece. E até hoje eu tenho aquele “receiozinho” de andar no meio da rua”.

Quando questionados a respeito de se sentirem seguros, as respostas foram “não” quase que em unanimidade, por causa de assaltos, de violência de gênero e também por sentirem que os agentes responsáveis pela segurança, nesse caso os policiais, não protegem a sociedade da forma que se deve. Também foram questionados acerca de como eles se sentiam seguros foi variado entre locais e sentimentos, “em casa”, “na escola”, “sozinho”, “respeito”, “compreensão” e ações de afeto como um abraço. Por fim, foram questionados a respeito de soluções para acabar com a violência, e a educação foi dada como solução, a forma como os pais preparam os filhos para a sociedade também e a redução da violência policial. Essa seção a respeito da violência consegue mostrar como os jovens estão inseridos no meio social e como eles estão tão próximos da violência de certa forma. Poder identificar, e além disso, detalhar

⁴ Grupo Focal, (Aluno estudante do ensino médio, anônimo e participante), 2020.

com experiências próprias é o vestígio de que a violência estrutural, cultural e direta afeta diretamente essa parte da população, mesmo sendo tão jovens e de certa forma vulneráveis.

Por fim, o último conceito debatido com esses jovens foi a respeito do poder e se eles se sentem de certa forma empoderados dentro do meio social. Para eles, o poder poderia ser representado por uma figura familiar, como pais, ou política como o governo e a capacidade de poder “mandar” no outro, a ideia de poder aquisitivo e de ter liberdade de expressão também. Quando perguntados sobre se eles eram empoderados ou exerciam algum tipo de poder no cotidiano, a maioria das respostas foi o “não”, mas algumas destoava como “Eu acho que só tenho poder quando levanto a voz lá em casa”, “Só se alguém for menor que eu, e olhe lá”. Dessa forma, o jovem conclui que o poder só vem dessa maneira, quando ele precisa gritar para ser ouvido, ou quando só alguém “menor” fisicamente ou mesmo na hierarquia do meio profissional pode respeitá-lo. A minoria que respondeu que sim, que sente de certa forma empoderada, mas esse conceito continua em construção, em processo.

Quando perguntados a respeito de como mudar esse poder na sociedade, os jovens falaram a respeito do poder de influência e do dinheiro. Concordaram que existem formas pacíficas para mudar essa estrutura e que eles possam se sentir de alguma forma empoderados, além de sugerir que seria bom, se até algum tipo de ouvidoria fosse implementado para que eles pudessem discutir as pequenas coisas e também confrontar o que eles percebem de errado.

“As pessoas se empoderando e parando de se conformar com o que o poder faz, como acontece com o Brasil. Você tira pelos adolescentes, quando você vai falar de política com eles e eles acham que "politicagem", quando na verdade não é. Se as sociedades se empoderassem mais e parassem de aceitar tudo que o governo faz, não estaria como “tá” hoje em dia”.⁵

Estes grupos focais nos ajudam a perceber que além da juventude estar diretamente ligada à violência, sofrendo ou inserida em algum plano, é uma faixa etária que merece um cuidado especial. Os entrevistados conseguem ver os tipos de violência que sofrem, e acreditam em soluções pacíficas como estudo e a mudança no cenário do poder para que todas as minorias sejam ouvidas, além de que também acreditam que a paz é possível se a sociedade for mudada de forma intensa. São ótimas percepções se considerarmos que como agentes na promoção da paz estrutural, eles não estão em atuação intensa e sim repudiando e apontando as coisas que estão erradas no meio social, então pode-se deduzir que mais do que nunca, a juventude periférica ou a do centro da cidade está em alerta a respeito do seu lugar na sociedade e é capaz

⁵ Grupo Focal, (Aluno estudante do ensino médio, anônimo e participante), 2020.

de oferecer uma leitura da realidade que permita a adequada formulação de políticas públicas. Provando também o que Maschietto, Ferreira e Cortinhas (2021), trazem no seu artigo acerca da paz liberal:

É importante ressaltar que isso é mais do que apenas reconhecer que as visões locais de paz podem diferir e realmente diferem dos valores da paz liberal, como foi discutido na literatura sobre a virada local; em última análise, as vozes dos alunos enfatizam a necessidade fundamental de discutir a violência simbólica (por exemplo, machismo, racismo, etc.) tanto quanto violência estrutural e direta, porque essas dimensões se reforçam mutuamente (MASCHIETTO et.al., 2021).

7. JOVENS PROTAGONISTAS NA VIRADA LOCAL.

Apesar de não ser o foco do trabalho, entender que a juventude está disposta a buscar mudança independente de quem pode ser seu antagonista ou o foco da sua insatisfação social é importante. A juventude brasileira pode protestar com ou sem ajuda de políticas públicas, com ou sem a ajuda de órgãos responsáveis pelo bem-estar social, mas a que será abordada em seguida não conta com estrutura suficiente de um Estado ou políticas públicas que possam chegar na raiz do problema.

Quando não o Estado não alcança a parte estrutural da violência, outras formas de auxílio se formam para garantir aos jovens lazer, educação, boa alimentação e informações que podem ajudar no desenvolvimento dos jovens e de suas comunidades. É nesse caso onde a virada local se faz presente, construindo a paz de baixo para cima. Inicialmente, neste tópico, será abordado o poder de movimentos juvenis na sociedade brasileira, depois serão trazidos alguns exemplos de grupos que foram analisados e serão explorados para que se entenda um pouco sobre o trabalho dos jovens na virada local no Brasil. Os grupos escolhidos não possuem um padrão, estão espalhados pelas regiões do país, mas têm ações positivas na comunidade e conseguem trabalhar na transformação da paz ao nível local. A ideia aqui não é esgotar a capacidade de agência da juventude brasileira em atuar em prol da paz, mas sim indicar que há um potencial enorme pronto a ser explorado pela sociedade e pelas políticas públicas bem desenhadas de uma maneira geral.

No Brasil, pelo menos nos últimos 50 anos, os jovens contaram com a representação da mídia nos movimentos de 1968, 1988 à 1992 e 2013 (PEREIRA, 2016). Em 1968, as revoltas estudantis tomam conta do espaço político, agregando a sua luta pessoas incomodadas com a ordem estabelecida – nesse caso, o Brasil passava pelos primeiros anos do golpe militar de 64 – (PEREIRA, 2016). Já no final dos anos 80 e depois dos anos 2000, de acordo com Pereira

(2016), os jovens que aparecem na mídia se destacam pela sua rebeldia e alteridade. O primeiro grupo não precisa de motivos para fazer protestos, e na maioria das vezes se utilizam de formas violentas nos seus protestos, já o segundo tem motivos para se expressar com motivos que os atingem diretamente.

Trazendo informações sobre os anos 2000, a partir de 2015 a força dos movimentos estudantis começam a surgir de forma mais notável por todo território brasileiro (DAVID; MARTINS, 2021). A tentativa de implementar políticas neoliberais que resultaram em más condições de ensino e os cortes nas políticas de educação foram capazes de promover ocupações em todas as regiões brasileiras por jovens secundaristas e universitários. Essas ocupações duraram semanas, até meses atrasando os calendários escolares previstos para o ano devido às greves (DAVID; MARTINS, 2021.). De acordo com Groppo e Silveira (2020), os principais participantes das ocupações de 2015 e 2016 eram adolescentes filhos e filhas das classes populares, com os interesses em comum de manter o ambiente estudantil longe de instituições privadas, o movimento estudantil resgatou as lutas de anos anteriores e o espírito de mudança frente a frente com o poder político.

Os projetos que serão apresentados, são resultado de trabalho individual ou coletivo, onde uma ideia virou força para construção da paz. São Paulo terá o primeiro caso analisado no Jardim Nakamura, região sul da cidade que na década de 1990 foi considerado um dos bairros mais perigosos pela ONU. Isto se deu por possuir uma taxa de assassinado de 116,23 a cada 100 mil habitantes, neste contexto se iniciou o Instituto Favela da Paz (UOL, *apud* SANTOS, 2021). A ideia nasceu a partir da criação local de um grupo intitulado “Banda Poesia Samba Soul”, pelos irmãos Cláudio Miranda e Fábio Miranda. Através de equipamentos coletados na rua, jovens aprendiam a fazer música em sua teoria e prática, obtendo uma forma de lazer alternativo nesse local altamente perigoso (PASSOS; FERREIRA, 2023).

De acordo com Santos (2021), o projeto se expandiu e em 2010 o local já contava com a redução de 46% dos casos de homicídios, além de ter se expandido para outros jovens locais com mais atividades a serem realizadas, além de ser conhecida como "Instituto Favela da Paz" (2021). Essas novas ações envolvem atividades educativas, de lazer, arte e cultura que se interligavam entre si, “Mais especificamente, dispõem de projetos para a captação da água da chuva e da energia solar, sistemas de biodigestor de matéria orgânica, produção musical, autossuficiência na produção de alimentos e programas de justiça social e de cultura de paz” (SANTOS, 2021).

Brenda Passos e Marcos Alan Ferreira (2023), também apontam que o Instituto Favela da Paz cresceu a ponto de incentivar novos projetos não só na comunidade local, ou seja, existe

a ideia de outros programas saindo do IFP (2021, p. 85). O Instituto garante o acesso a eventos culturais gratuitos, fornecem eventos entre os próprios jovens como nos casos dos projetos esportivos, com aulas gratuitas de Jiu-Jitsu, ou voltados para a manobra de bicicletas e campeonatos locais, como o BMX Factory (SANTOS; 2021, p.85). Esse projeto, além de ser um grande exemplo de virada local, atua como bottom up, transformando a vida dos jovens, crianças e moradores locais, que acabam observando a possibilidade de uma realidade alternativa e totalmente distinta dos anos 90, onde a população tem acesso ao lazer, cultura e educação em segurança. E apesar de ser extremamente importante, a presença de atores estatais na promoção da paz no local é mínima.

Já na Paraíba, mais especificamente em João Pessoa, surge em 2011 o Projeto Universidade em Ação (PUA), encabeçado pelo professor Paulo Kuhlmann. Além de estudar temas relacionados aos Estudos para Paz, trabalha com a transformação ao nível local na capital paraibana. O grupo tem como objetivo a transformação do meio social através da arte para alertar jovens paraibanos sobre as consequências de escolher o mundo do crime (KUHLMANN; RAMOS; ARAÚJO, 2019). O PUA é composto por jovens da graduação e do mestrado da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que estão voltados para a promoção de segurança e emancipação, se colocando estrategicamente em ambientes escolares (FERREIRA; MASCHIETTO; KUHLMANN, 2019, p. 462).

O PUA visita escolas na periferia da capital paraibana levando a palhaçaria e a arte trabalhada pelo autor Boal (BOAL *apud* FERREIRA et al. 2019), usando o teatro para transformar o pensamento das pessoas, para que nesse caso, o oprimido viesse a olhar diferentes maneiras e formas de sair da situação de opressão na sociedade (FERREIRA et.al., 2019, p. 466). A visita nas escolas da capital paraibana leva a mudança, a arte e a diversão para crianças e adolescentes principalmente da periferia, nesse caso, temos jovens que estudam sobre a paz e a transformação local, atuando como transformadores pela paz. São agentes de mudança social, fazendo parte de uma juventude que busca ajudar e levar diversão para outros jovens e crianças que não possuem esse tipo de acesso na sua comunidade.

Despreendendo-se das grandes cidades, será apresentada a ação de jovens do Pará, em Altamira. A UOL em maio de 2022 apresenta um novo projeto com força para se tornar um grande transformador local na cidade paraense, com a mudança de cenário pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a mudança da população de suas casas para aterramentos localizados em áreas dominadas pelo tráfico, os jovens sentiram a necessidade de começar a mudança por si só na comunidade.

Apesar de estar em atividade apenas há 2 anos, tendo o seu início em 2020, os jovens se mostram positivos em relação a recuperar a cidade, a autoestima da população e mudar o sistema que nela existe. Tendo em consideração que regiões localizadas no norte do país, e em um lugar como Altamira que em 2019 foi assunto nacional devido ao presídio e da violência que tem, que repercute na segurança da cidade, urge a necessidade de transformação positiva na área (MARIN, 2016). As ações promovidas pelos jovens têm como objetivo resgatar a memória de Altamira antes do incêndio do presídio e da construção da hidrelétrica. Tanto sentimentalmente quanto fisicamente, o jovem que iniciou o projeto por já ser ativista ambiental, Gabriel Costa, apresenta a ideia como luta por um “Xingu livre” (UOL, 2022).

Os jovens nesses dois anos já conseguem resgatar a autoestima da população local, promovendo lazer e educação para os interessados no projeto. Limpeza de áreas locais, assim como do Rio Xingu, ensinamentos a respeito de uma agricultura e de produtos sustentáveis, além de conseguir oficializar os jovens pelo Xingu. Promover impacto social, econômico e ambiental positivo está na agenda dos jovens, além de dar esperança para que também haja indignação pela situação atual da cidade, buscando sempre melhorias para os moradores locais e expandir o programa para outras áreas que necessitem de cuidado.

Finalmente, outro bom exemplo de ação da juventude para com o meio ambiente, diz respeito aos jovens vinculados a atividades conduzidas pela Comunidade Bahá'í. A religião promove programas de educação que desenvolvem a capacidade de analisar o meio social, identificar necessidades da sociedade e servir o seu entorno geográfico (BWNS, 2021). No bairro São Sebastião, localizado em Brasília, jovens envolvidos nestas iniciativas de ação social buscaram soluções para limpar o rio que não houvesse a poluição depois.

Para isso, criaram uma consciência na sociedade através de informativos para que houvesse a transformação social da área. Assim que viu os informes, um funcionário da prefeitura mobilizou trabalhadores e máquinas, retirando toneladas de lixo do rio e incentivando os jovens a seguir na transformação local (BAHAI, 2021). Através desses serviços de ajuda a comunidade, cada vez mais jovens estão buscando participar para transformar a sociedade, pois como os próprios jovens apresentam “A transformação social requer a construção da unidade entre indivíduos, comunidades e instituições. O poder de efetuar mudanças duradouras não está na oposição e na guerra. Está em unidade. Este é o poder da transformação” (BAHAI, 2021). A iniciativa do projeto gerou um movimento nas autoridades locais e líderes comunitários, que hoje se engajam para manter as margens do córrego limpo, haja vista os impactos positivos experienciados pelo bairro diante da limpeza do local – tais como diminuição de pragas, odor, entre outros.

8. CONCLUSÃO.

Diante da pesquisa realizada e das literaturas exploradas, demonstrou-se que os jovens possuem caráter inovador e transformador na sociedade. A ação da juventude deveria ser um tópico muito mais estudado nos Estudos para Paz no Brasil, pois em vista das leituras realizadas podemos notar cinco pontos fortes a respeito da juventude na ação na sociedade. A primeira a se mencionar é a falta de bibliografia a respeito da construção da paz pelas mãos dos jovens, as diferenças entre as classes sociais dos jovens e como eles são vistos na sociedade, como eles se sentem em relação ao poder que exercem no meio social e por fim como eles se comportam para mudar a sociedade.

Em primeiro lugar, o respectivo trabalho traz a primeira problemática sobre a pouca literatura a respeito de jovens transformadores da paz no Brasil. Este trabalho vem como mais uma literatura que procura mostrar não apenas os estudos para paz no país e os níveis de violência, como também apresentar os problemas sociais e riscos os quais os jovens estão inseridos. Por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas, mostrar como se sentem neste meio e o que estão fazendo para mudar suas realidades, para assim servir de literatura base para outros trabalhos a respeito desta temática.

O segundo ponto diz respeito à separação que a sociedade faz entre o jovem de classe alta e de classes mais baixas. O papel desses jovens no meio social é visto de forma distinta, as escolas que eles frequentam, suas formas de lazer, passatempos, moradias e bairros são o perfil para que algumas pessoas os julguem como futuro da nação ou delinquentes e violentos (BERENTS & MOLLICA. 2020). Apresentar uma literatura que mostre que a vulnerabilidade infantil e de jovens é uma forma de informar que a realidade vai além do que pode-se ver. Envolve todo o meio estrutural nas questões da desigualdade, de violência cultural, direta e indireta, se tornando fundamental no estudo da juventude. Não se deve marginalizar jovens ou crianças, mas sim buscar alternativas para chegar nas escolas, bairros e no momento dos hobbies atividades voltadas para a educação e para a transformação local.

Em terceiro lugar, considerando a pesquisa feita nas escolas de ensino médio. É importante notar o sentimento do jovem em relação à sociedade, os jovens percebem a violência, além de estarem cientes que sofrem os diversos tipos de violência também, o ambiente onde eles têm a sensação de paz é algo individual, e não coletivo como deve ser em uma sociedade. Ademais, não se sentem empoderados para promover uma mudança significativa no seu meio, como mencionado neste trabalho eles não se sentem ouvidos, e para isso precisam assumir uma postura mais agressiva até que alguém finalmente os escute. Esses

relatos só mostram que a violência está inserida na vida desses estudantes, fazendo com que eles se insiram neste meio para reivindicar suas necessidades também.

Em quarto lugar, é importante mencionar que o jovem está disposto a transformar o local onde mora. Observando as mazelas sociais onde vivem, eles estão inclinados a atuar para que seus amigos e a sociedade onde vivem não sejam tão afetados. O PUA, s Jovens Pelo Futuro do Xingu, da Favela da Paz e da Comunidade Bahá'í são exemplos dessas iniciativas de transformar o social através de atividades culturais, educativas e sustentáveis que impulsionam a paz local. O jovem que é responsável pela transformação social, que faz parte da quarta seção deste artigo, que estuda e leva para sua área transformações para outros jovens. Esses jovens apresentam oportunidades na vida apenas não da juventude local, mas das famílias e crianças ao redor, apresentam esperança para o meio ambiente, para a redução da violência, constroem caminhos para a arte e para a cultura, criando também uma cultura local. Esses jovens são os agentes de transformação da paz, atuando de baixo para cima diante da negligência estatal.

Por fim, apesar da ONU apresentar boas pesquisas, uma análise profunda sobre os jovens ao redor do mundo e informações extremamente importantes para o desenvolvimento de novas oportunidades para juventude, deve-se observar as políticas públicas também. O Estado tem o dever de garantir uma boa qualidade de vida a todos os cidadãos, a ONU apresenta o problema e os governos devem trabalhar por soluções, como atividades que juntem a informação à solução do problema, mas isso não quer dizer que os jovens devem esperar essa mudança, os trabalhos feitos através da virada local também são válidos na transformação para paz. Explorar essa literatura de juventude e Estudos para Paz é um caminho muito mais denso do que foi trabalhado nesse artigo. Pois o recorte deste trabalho é em apenas quatro estados dispersos da federação, mas deve-se ser otimista, com mais pesquisas colocando luz a este problema de forma correta, considerar a violência estrutural é uma forma de promover a mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMO, Helena *et al.* **Estação Juventude**: conceitos fundamentais: pontos de partida para uma reflexão sobre políticas públicas. 2014.

BERENTS, Helen; MOLLICA, Caitlin. Juventude e construção da paz. **The Palgrave Encyclopedia of Peace and Conflict Studies**, 2020.

BWNS – Bahai World News Service (2021). Youth: River cleanup in Brazil promotes environmental stewardship. **Bahai World News Service**, 2021. Youth: River cleanup in Brazil promotes environmental stewardship | BWNS (bahai.org).

CARA, Daniel; GAUTO, Maitê. Juventude: percepções e exposição à violência. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: MEC, SECAD, UNESCO, 2007.

ENGEL, Cíntia *et al.* Diagnóstico dos homicídios no Brasil: subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Brasília. **Ministério da Justiça**. 2015. Disponível em <<https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/2311/1/1diagnostico-homicidios%281%29.pdf>> acesso em: 23/04/2023.

FERREIRA, Marcos. As origens dos estudos para a paz e seus conceitos elementares: paz, violência, conflito e guerra. **Estudos para a paz: conceitos e debates**. São Cristóvão, Editora UFS.

FERREIRA, Marcos. Estudos Críticos da Paz e Crime Organizado Transnacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 113, p. 29-50, 2017.

FERREIRA, Marcos. **Peace and Violence in Brazil**. Springer International Publishing, 2022.

FERREIRA; Marcos. MASCHIETTO, Roberta. KUHLMANN; Paulo. **Estudos para a Paz: conceitos e debates**. Editora UFS. Cap 1. 2019.

FERREIRA, Marcos; RICHMOND, Oliver. Blockages to Peace Formation in Latin America: The Role of Criminal Governance, **Journal of Intervention and Statebuilding**, 21 de fev de 2021. Disponível em: . Acesso em: 16/08/2022.

FREITAS, Maria; ABRAMO, Helen; LÉON, Oscar. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. **Ação Educativa**. Programa de Juventude, 2005.

GISI, Bruna. Obstáculos contemporâneos à efetivação dos direitos humanos na Justiça Juvenil e no Sistema Socioeducativo brasileiros. **Relatório dos Direitos humanos no Brasil**. NEV/USP. 2021.

GROPPO, Luís; SILVEIRA, Isabella. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **Argumentum**, v. 12, n. 1, p. 7-21, 2020.

GULLO, Álvaro. Violência urbana: um problema social. **Tempo social**, USP, São Paulo. v. 10, p. 105-119, 1998.

GALTUNG, Johan. Violence, peace and peace research, **Journal of Peace Research** 6, (3), 1969, 167-191.

GALTUNG, Johan. Cultural violence, **Journal of Peace Research**, 27(3), 1990, 291-305.

GRUPO FOCAL 1. (março de 2020) Pesquisa sobre juventude. Estudos para paz, UFPB, 2020.

IMBUSCH, Peter; MISSE, Michael; CARIÓN, Fernando. Violence Research in Latin America and the Caribbean: A Literature Review. **IJCV**: Vol. 5 (1) 2011, pp. 87 - 154.

INSTITUTO PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (IPEA/FBSP) (orgs.) Atlas da violência 2020, Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

INSTITUTO PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (IPEA/FBSP) (orgs.) Atlas da violência 2019, Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

KURTENBACH, Sabine. The limits of peace in Latin America. **Peacebuilding**, v. 7, n. 3, p. 283-296, 2019.

MAC GINTY, Roger.; RICHMOND, Oliver. The local turn in peace building: a critical agenda for peace. **Third World Quarterly**, 34(5), 2015, 763-783.

MARIN, Rosa. OLIVEIRA; Assis. Violence and public health in the Altamira region: The construction of the Belo Monte hydroelectric plant. **Regions and Cohesion**, v. 6, n. 1, p. 116-134, 2016.

MASCHIETTTO, Roberta. (2020). Integrating subjectivities of power and violence in peacebuilding analysis. **Third World Quarterly**, v. 41, n. 3, p. 379-396.

MASCHIETTTO; Roberta, FERREIRA; Marcos, CORTINHAS; Juliano. (2022). Exploring subjectivities of peace, violence, and power among the youth in Brazil. **Peace & Change**, 47(3), 233-253.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Juventude e contemporaneidade**, p. 29, 2007.

MOTA, Cristiane. Cultura de paz no Brasil. **Revista Educação em Foco**, v. 13, p. 97-108, 2021.

NASSER, Filipe. Pax Brasiliensis: projeção de poder e solidariedade na estratégia diplomática de participação brasileira em operações de paz da Organização das Nações Unidas. In: KENKEL, K.; MORAES, R. F. (Orgs.). **O Brasil e as operações de paz em um mundo globalizado**: entre a tradição e a inovação. Brasília: Ipea, 2012.

NOVAES, Regina. (2007). Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Sociologia Especial: ciência e vida*, 1(2), 6-15.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria. Ranking da violência no Brasil: diagnóstico dos dados de mortes por agressão-cidades com cem mil habitantes e mais. EDUCG. 2020.

OLIVEIRA; Carvalho. Estudos da Paz: origens, desenvolvimentos e desafios críticos atuais. *Carta internacional*, v. 12, n. 1, p. 148-172, 2017.

OLIVEIRA, Osmany. Brazil Exporting Social Policies: from local innovation to a global model. *Journal of Politics in Latin America*, v. 11, n. 3, p. 249-271, 2019.

ÖZERDEM, Alpaslan; PODDER, Sukanya. Youth in conflict and peacebuilding: Mobilization, reintegration and reconciliation. *Springer*, 2015.

PASSOS, Brenda; FERREIRA, Marcos. Mobilização de atores locais na promoção da paz: o caso do Instituto Favela da Paz em São Paulo. *Estudios de la Paz y el Conflicto, Revista Latinoamericana*, Volumen 4, Número 8. 2023.

PEREIRA, Cláudia. Ainda somos os mesmos? representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, v. 23, n. 3, 2016.

RAMSBOTHAM, Oliver; MIAL, Hugh; WOODHOUSE, Tom. Contemporary conflict resolution. *Polity*, 2011.

RETTBERG, Angelika. Violencia en América Latina hoy: manifestaciones e impactos. *Revista de Estudios Sociales*, n. 73, p. 2-17, 2020.

SANTOS, Brenda. Mobilização de atores locais na construção da paz: um estudo do caso do Instituto Favela da Paz. TCC (Graduação em Relações Internacionais). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2021.

SILVA, Izabel; QUADRAT, Samantha. Memórias em Disputa: Ditaduras e Redemocratizações na América Latina. *Revista del CESLA*, v. 28, 2021.

UN. United Nations. Office of secretary-general's envoy on youth. Youth 2030. Disponível em: < <https://www.un.org/youthenvoy/>>. Acesso em: 17/08/2022..

VOLPATO, Alana. Relação entre Comunicação para Paz e Visibilidade em Páginas do Facebook de Movimentos Sociais da Juventude. In: I Congresso Internacional de Mídia e Tecnologia - “Neil Postman” e a Nova Ecologia dos Meios. *Unesp*. São Paulo, 2018.